



O vinho no mundo e em Portugal

Por: Ivo Pinho

(Economista, ex-director geral das Alfândegas e ex-Presidente do IFADAP)



■ Da produção ao consumo o cluster vitivinícola tem um impacto importante na economia nacional. Portugal é o 10º exportador mundial de vinho.

O economista Ivo Pinho oferece aos leitores da **Gazeta das Caldas**, por ocasião da realização da tradicional Feira do Vinho do Bombarral, na sua edição 29ª, este interessante estudo sobre o vinho em Portugal. Nele são detectadas as principais tendências deste produto, que foi em tempos passados um dos mais característicos da agricultura portuguesa e que teve uma importância muito grande na região Oeste. Apesar de ter diminu-

ído a sua importância em volume e número de agricultores que se dedicavam à sua produção, hoje encontram-se na região da Estremadura alguns dos mais cotados vinhos a nível internacional, que podem ombrear bem com os conhecidos vinhos do Douro, Alentejo, Bairrada, Ribatejo, Setúbal, etc.

I. ÁREA DE VINHA (*)

1. Depois do crescimento sustentado registado até ao fim da década de 70 do passado século, a área de vinha tem evidenciado, desde o 1º quinquénio da década de 80, uma queda persistente sendo que o nível mais baixo foi atingido no quinquénio 1996-2000.

Muito embora no quinquénio 2001-2005 se tenha verificado uma recuperação (modesta) da área de vinha, o certo é que, em 30 anos, desapareceram mais de 2 milhões de ha. de vinha, ou seja, aproximadamente ¼ da área de vinha actual (7,55 milhões de hectares em 2010).

2. A área de vinha distribui-se, quase equitativamente, entre a EU-27 e os restantes países produtores (extra UE).

Com efeito, a EU-27 representa 49% da área de vinha total, apenas ligeiramente menos do que a área os países extra UE (51%). Todavia, entre o 2º quinquénio da década de 80 e o actual momento, a área de vinha da Europa (incluindo os países PECO e a ex-URSS) decresceu 11 pontos percentuais (passando de 69% do total para 58%).

As maiores reduções, em termos relativos, da área de vinha registam-se em novos países do grupo EU-27, nomeadamente, na Hungria (-13%) e Roménia (-7%). Mas é igualmente assinalável a

quebra ocorrida em França, no período 2005-2008 - cerca de 5% -, o que corresponde a uma área superior a 40 mil ha., naquele que (ainda) é o 2º país com maior área vitícola do mundo.

É importante registar que, na UE, a redução da área de vinha foi recentemente impulsionada pela concessão, no contexto de uma nova organização comum de mercado vigente entre as campanhas de 2008/2009 e 2010/2011, de subsídios ao abandono definitivo, no quadro dum contingente orçamental permitindo, globalmente, o arranque de 175 mil ha. durante três anos.

Em 2008, as áreas de vinha da Espanha e da Itália reduziram-se em 68 mil ha., sendo que se estima que uma redução de 55 mil ha. esteja directamente associada aos subsídios comunitários.

Em Portugal, estima-se que tal política seja directamente responsável pelo desaparecimento de 2,3 mil hectares.

Em 2010, basicamente pela mesma razão, verificaram-se fortes quebras na área de potencial produção em Espanha (o país mais afectado), com uma redução da área de produção de cerca de 31 milhares de ha., na Itália (14 milhares de ha. e na França (12 milhares de ha.).

Em Portugal, a redução atingiu 1 milhar de ha..

É, de resto, a EU que explica, quase totalmente, a quebra regis-

tada entre 2009 e 2010 (cerca de 65 milhares de ha.).

A área total de potencial produção em 2010, recuou, como já se referiu, para 7550 milhares de ha..

Fora da EU-27, deve assinalar-se o notável crescimento ocorrido, entre 2005 e 2008, em países como a Nova Zelândia (+40%) e o Brasil (+27%) os quais, todavia, têm, ainda, fraca representatividade à escala mundial.

Em sentido contrário, há que mencionar o caso da Turquia, 4º país do mundo em área de vinha, que registou uma quebra pronunciada (10%) da sua área vitícola.

3. Note-se que a área de vinha se encontra fortemente concentrada: três países apenas - Espanha, França e Itália - representam quase 40% da área de vinha mundial e, se àqueles se juntarem a Turquia e a China, ter-se-á mais de 50% da área total de vinha em apenas cinco países.

A área de vinha em Portugal tem registado uma tendência moderadamente decrescente, situando-se em torno dos 250 mil hectares, algo abaixo do Irão e um pouco acima da Argentina.

Portugal ocupa a 8ª posição no cômputo mundial da área de vinha e o 4º lugar na União Europeia.

(*) De acordo com o critério adoptado pela OIV, a denominada área de vinha incorpora a área de vinha para uva de mesa e produção de passas e a superfície de vinha para a produção de vinho, sendo que esta inclui áreas em produção e áreas não em produção (direitos de plantação por utilizar e áreas reestruturadas ainda sem produção).

II. PRODUÇÃO DE VINHO (EXCLUINDO SUMOS E MOSTOS)

1. A exemplo do que sucedeu com a área da vinha, também a produção mundial de vinho tem vindo a diminuir, passando de quase 305x10⁶ hl, em média no quinquénio 1986-1990, para cerca de 269x10⁶ hl em 2009 - e, segundo as previsões da OIV, para 260x10⁶ hl, em 2010. Note-se que se trata de uma diminuição que pode considerar-se globalmente consistente, embora as quedas mais significativas (e abruptas) se tenham registado, tomando por base o quinquénio 1971-1975, nos quinquénios 1986-1990 e 1991-1995 - de uma produção média superior a 333x10⁶ hl em 1981-1985, chegou-se a uma produção média de 263x10⁶ hl em 1991-1995.

Assim, em apenas dez anos, a produção mundial reduziu-se em 40x10⁶ hl.!

Em 2006, a Europa representava mais de 68% da produção mundial de vinho, percentagem que se reduz quase dez pontos (58,3%) considerando, apenas, os países da UE-15.

2. Em 2009, os três principais produtores mundiais - a Itália (47,7x10⁶ hl), a França (45,6x10⁶ hl) e a Espanha (35,2x10⁶ hl) -

representavam, conjuntamente, quase 48% da produção mundial prevista para 2009, facto que ilustra a enorme concentração que se verifica na produção de vinho à escala mundial (em 2010, tal percentagem situou-se nos 50%). Note-se, todavia, que o índice de concentração tem vindo a reduzir-se - com efeito, tornando a média do quinquénio 1986-1990, a produção dos três países referidos atingiu 54% da produção total.

Do quinquénio referido até à actualidade, merecem destaque os crescimentos da Austrália e da Nova Zelândia (cuja produção mais que triplicaram) da China (cuja produção quadruplicou) e do Chile (com uma produção mais que dupla).

Os Estados Unidos da América têm evidenciado grande constância, assumindo-se como o 4º produtor mundial, com cerca de 20 milhões de hl, ou seja, cerca de 8% da produção mundial.

3. Em 2010, a produção de vinho, à escala mundial voltou a decrescer, situando-se em torno dos 260x10⁶ hl, evolução que se consubstancia numa quebra de mais de 4%, por comparação com 2009.

Na UE, a quebra relativamente a 2009 atingiu quase 10x10⁶ hl, situando-se a produção, em 2010, em cerca de 153x10⁶ hl.

Mas, nos principais países produtores da UE, a quebra foi menos acentuada (ligeiramente superior a 7,1x10⁶ hl), situando-se a produção, em 2010, em quase 143x10⁶ hl.

4. Portugal - que no quinquénio 1986-1990 se assumia como o 8º produtor mundial, produzindo 8,5x10⁶ hl -, tem evidenciado uma tendência persistente (mas moderada) de redução da produção, sobretudo a partir de 2006 (7,3x10⁶ hl, 11º produtor mundial), registando, em 2008, uma produção inferior a 6 milhões de hectolitros, valor que, ainda assim, lhe permitiu situar-se no "top ten" mundial (10º lugar). Em 2010, com uma produção de 6,8x10⁶ hl, foi o 12º produtor mundial).

5. Registe-se, a concluir, que a UE-15 tem vindo a perder peso no cômputo da produção mundial, passando de 59% em 2003 para 55% em 2008 (percentagem que se manteve em 2010).



III. CONSUMO DE VINHO

1. O segundo quinquénio da década de 80 (1986-1990) registou um nível de consumo bem abaixo do que o verificado dez anos antes (1976-1980): 239,5x10⁶ hl contra 285,8x10⁶ hl (quase menos 50 milhões de hl!).

A partir do citado quinquénio da década de 80, o consumo de vinho não registou evoluções marcadas embora, em 1991-1995, se tenha atingido um nível algo baixo (223,2x10⁶ hl) comparado com o registado em 2006 (242,4x10⁶ hl) e, mesmo, com o ocorrido em 2009 (236,5x10⁶ hl) e em 2010 (236x10⁶ hl).

2. Quer dizer: à correlação positiva verificada, nos últimos 30/40 anos, no sentido do decréscimo, nas variáveis “área de vinho” e “produção de vinho” pode, também, juntar-se a variável “consumo de vinho”, muito embora, neste último caso, sobretudo a partir de 2003, se note uma tendência relativamente sólida de manutenção dos níveis de consumo.

3. O consumo do vinho à escala mundial, reduziu-se, em 2010, muito moderadamente (cerca de 0,1%), assumindo um valor em torno dos 236x10⁶ hl.

Na UE-15, o consumo reduziu-se, atingindo 226x10⁶ hl, facto que explica o essencial do decréscimo verificado no mundo.

Deve notar-se que este decréscimo não de distribuiu de forma equitativa - em Espanha, a quebra de consumo atingiu 6,7x10⁶ hl, enquanto no Reino Unido se verificou um aumento de 5,2x10⁶ hl.

Em Portugal, a quebra de consumo foi escassa (0,68x10⁶ hl).

4. É importante sublinhar que, em 20 anos, a Europa perdeu dez pontos percentuais no cômputo do consumo mundial, emergindo a Ásia como principal ganhador no teatro mundial, quadruplicando a sua posição relativa (de cerca de 2%, no segundo quin-

quénio da década de 80, para quase 8% em 2009. Apesar da citada quebra registada na Europa, deve mencionar-se que, entre 2004 e 2008, a UE-15 perdeu, apenas, um ponto percentual de 53% para 52%.

Como quer que seja, em 2009, a Europa representava 2/3 do consumo mundial de vinho (em 2010, a situação foi praticamente idêntica, representando a Europa 64,9% do consumo mundial).

5. Os países grandes consumidores de vinho da UE, apresetam, no período 2002-2009, uma tendência generalizada para o decréscimo/manutenção dos respectivos consumos - os casos da França e da Itália são paradigmáticos - mas tal tendência não se aplica aos EUA (2º consumidor mundial, pouco atrás da França e pouco acima da Itália) e ao Reino Unido (5º consumidor mundial em 2009).

A Alemanha surge, finalmente, na “estatística do vinho”, assumindo-se, com 20x10⁶ hl, como o quarto consumidor mundial, depois da França, dos Estados Unidos e da Itália.

6. Também em matéria de consumo se verifica a existência de um forte índice de concentração: de facto, os quatro principais consumidores mundiais (França, EUA, Itália e Alemanha), representam, conjuntamente, 45% do consumo mundial em 2009 (e quase 43% em 2010).

Em termos gerais, nota-se, nos países na UE, uma ténue tendência para o crescimento do consumo.

7. A evolução do consumo em Portugal manteve-se estável no período 2002-2009, evidenciando um valor da ordem dos 4,5x10⁶ hl (4,4x10⁶ hl em 2010), o que nos confere o undécimo lugar entre os doze maiores consumidores, atrás da Austrália

e ao lado do Canadá.

Em termos de “ranking”, a nossa posição melhora, em exponencial, se tomarmos como critério o “consumo per capita”. Com efeito, tomando o ano de 2010 como referência, Portugal alcandora-se à segunda posição, abaixo da França e ligeiramente acima da Itália.

Valores consolidados para 2008, mostram que Portugal, com 45 litros de vinho “per capita”, se colocou à frente da Itália (± 44 l) mas abaixo da França (±51 l).

O consumo nos EUA é, ainda, incipiente (menos de 9 l) mas revela grande margem de progressão. Países como a Suíça (38 l), Dinamarca (32 l) e Noruega (14 l), que não tinham surgido mencionados a propósito da produção, assumem, em termos de consumo, valores não despidiendos (a Suíça e a Dinamarca são os quatro e quinto consumidores mundiais, bem à frente da Espanha -29 l).

8. Note-se, a concluir este ponto, que, no período 2005-2008, é generalizada a tendência para o decréscimo de consumo, assumindo a Espanha e a Grécia reduções muito importantes (quase 10% e quase 9%, respectivamente).

Nos países principais consumidores extra-UE, verifica-se uma tendência moderada para o aumento (já significativa no caso do Chile e da Noruega, ambos com quase 7% de aumento) e uma recessão da Argentina (-5%). Na Suíça, o consumo manteve-se estável e, nos Estados Unidos, aumentou quase 5%.

Em 2010, o consumo manteve-se, globalmente, estável, embora com desempenhos diferentes: na Argentina afirmou-se a quebra de consumo que se verifica desde 2008, sucedendo o contrário no Chile.

Nos Estados Unidos verifica-se grande estabilidade no consumo (27,3x10⁶ hl em 2009 contra 27,1x10⁶ hl em 2010).

IV. EQUILIBRIO DO MERCADO DO VINHO

O saldo ^(*) entre a produção e o consumo de vinho regista uma tendência – embora inconsistente e sujeita a movimentos bruscos no sentido da alta e no sentido da baixa – para a redução, sobretudo no triénio 2005-2007, situando-se, em 2009, em menos de 35x10⁶ hl., depois de, no quinquénio 86-90, apresentar um valor médio de 65x10⁶ hl.

Em 2009, a Espanha (24x10⁶ hl), a Itália (23x10⁶ hl) e a França (15x10⁶ hl) registavam, pela ordem referida, os maiores excedentes sendo que a Alemanha, os EUA, a Rússia e a China apresentavam, por essa ordem, saldos negativos, afirmando-se como mercados estruturalmente importadores.

Em 2010, a diferença entre a produção de consumo global de

vinho dever situar-se significativamente abaixo (aproximadamente, 25x10⁶ hl) do valor registado em 2009 (35x10⁶ hl).

^{(*) Este saldo tem de relativizar-se na medida em que cerca de 35x10⁶ hl têm vindo a ser usados na produção de brandies, vinagres, vermutes, etc.}

V. COMÉRCIO INTERNACIONAL DO VINHO

1. Entre o quinquénio 1986-1990 e a actualidade – isto é, em um pouco mais de 20 anos, - a Europa viu reduzida em vinte e sete pontos percentuais a sua quota exportadora.

Nesse mesmo período, a posição da Europa, em termos de importação, reduziu-se menos mas, ainda assim, patenteia uma perda de cerca de 11 pontos percentuais.

É, porém, necessário referir que, no período em apreço, as exportações de vinho mais que duplicaram (de cerca de 43x10⁶ hl para aproximadamente 89x10⁶ hl), o mesmo sucedendo, de resto, com as importações (de cerca de 40x10⁶ hl para 84x10⁶ hl).

Tal significa, além de um crescimento sustentado do comércio mundial de vinho que, entre o ano médio do quinquénio 1986-1990 e a actualidade, o peso do comércio internacional aumentou fulgurantemente, tendo atingido, em 2010, 39% da produção de vinho.

2. No período 2002-10, a Itália manteve, consistentemente, a sua qualidade, destacada, de maior exportador mundial (mais de 20x10⁶ hl em 2010), seguida da Espanha (cerca de 16,9x10⁶ hl em 2010) e da França (cerca de 12,5x10⁶ hl em 2010).

As “performances” da Austrália e do Chile (4º e 5º exportadores mundiais) com 6x10⁶ hl e 5x10⁶ hl, em 2009, respectivamente, quedam-se bastante abaixo do trio que domina o mercado exportador.

3. Portugal, com cerca de 2,6x10⁶ hl, em 2010, é o 10º exportador mundial e o 5º da UE, atrás da Alemanha.

A Itália (22% da quota mundial), a Espanha (18%) a França (15%), a Alemanha (4%) e Portugal (3%) são os cinco maiores exportadores europeus, mas continuam a perder quota nas exportações (de 76%, em média, no quinquénio 1981-85, para os 65%, em média, no quinquénio 2001-2005, e 62% em 2010).

4. No tocante à importação, a Alemanha e o Reino Unido destacam-se como grandes importadores, sendo que o ritmo de crescimento da Alemanha sobreleva o do Reino Unido.

Em 2009, a Alemanha importou cerca de 14x10⁶ hl e o Reino Unido 12x10⁶ hl.

Os EUA, 3º importador mundial, importou, em 2009, pouco mais de 9x10⁶ hl, sensivelmente o dobro da Rússia.

É interessante registar que a França, grande produtor e exportador, foi também, o quarto importador mundial (6x10⁶ hl).

No concernente aos países não produtores mas com potencial consumidor, verifica-se que só o Canadá apresenta uma trajectória ascendente e sustentada (um pouco mais de 3x10⁶ hl em 2009).

5. Tal como sucede com a área de vinho, produção e consu-

mo, também o comércio internacional de vinho evidencia assinalável concentração.

Nas exportações, os três maiores exportadores (Itália, Espanha e França), representavam, em 2009, 53% das exportações totais.

Nas importações, o índice é menor mas, ainda assim, significativo: os três maiores importadores (Alemanha, Reino Unido e EUA) foram responsáveis, no mesmo ano (2009), por 42% das importações totais.

6. Em 2009, a parte do comércio mundial de vinho no consumo mundial representava cerca de 36%, sendo que este valor é quase duplo do que se registou, em média, no quinquénio 1986-1990.

Mas o que se afigura fundamental deixar registado é que, como já se referiu, entre o quinquénio 1986-1990 e a actualidade, os cinco maiores exportadores da UE viram, em 20 anos, o seu peso reduzir-se em 20 pontos percentuais.

Em sentido contrário, deve sublinhar-se a extraordinária “performance” da região denominada “Hemisfério Sul” (Argentina, Chile, África do Sul, Austrália e Nova Zelândia) que, conjuntamente com os Estados Unidos, passou de uma quota de 1,6% (em média) no quinquénio 1981-85 para 23,4%, em média, no quinquénio 2001-2005 e 29,4% em 2010.

V. “Ranking” dos “Actores-Chave” do Negócio do Vinho

Nos diagramas que abaixo se apresentam, evidencia-se o “ranking” dos grandes “actores-chave”, segundo os agregados considerados neste trabalho:

1. 12 maiores áreas de vinho (2009) (10⁶ ha)

(2009)
Espanha (1113)
França (840)
Itália (818)
Turquia (505)
China (470)
USA (398)
Irão (330)
Portugal (243)
Argentina (228)
Roménia (208)
Chile (200)
Austrália (173)

2. 12 maiores produtores (10⁶ hl)

(2009)
Itália (47,7)
França (45,6)
Espanha (35,2)
USA (20,6)
Argentina (12,1)
China (12,0)
Austrália (11,6)
Chile (9,9)
África do Sul (8,8)
Alemanha (9,2)
Rússia (7,0)
Roménia (6,7)

(2010)
Itália (48,6)
França (45,3)
Espanha (36,1)
USA (19,6)
Argentina (16,3)
China (13,0)
Austrália (11,2)
África do Sul (9,2)
Chile (8,8)
Rússia (8,2)
Alemanha (7,2)
Portugal (6,8)



3. 12 maiores consumidores 10⁶ hl

(2009)	(2010)
França (29,9)	França (29,4)
USA (27,3)	USA (27,1)
Itália (24,5)	Itália (24,5)
Alemanha (20,3)	Alemanha (20,2)
China (14,0)	China (14,3)
UK (12,7)	UK (13,2)
Espanha (11,3)	Espanha (10,9)
Argentina (10,3)	Argentina (10,0)
Rússia (10,0)	Rússia (9,7)
Austrália (5,1)	Austrália (5,3)
Portugal (4,5)	Portugal (4,4)
Roménia (4,0)	Canadá (4,4)

A matriz seguinte permite identificar os verdadeiros “players” do negócio do vinho à escala mundial. Salientam-se a França e os Estados Unidos - únicos países com representação em todos os cinco critérios retidos - e, também, a Espanha, a Itália, a Austrália, a Argentina, Portugal e a Alemanha, todos com representação em quatro dos critérios considerados (cuja importância é, naturalmente, desigual).

VII. O VINHO EM PORTUGAL - ANÁLISE REGIONAL

- Com uma área da ordem dos 240 mil hectares, a vinha ocupa (aproximadamente) 7% da SAU (o que corresponde a menos de 3% do território continental), sendo que a produção de vinho representa, actualmente, cerca de 15% da produção agrícola, valor que valida, nos últimos decénios, uma tendência para a incrementação do seu peso na produção agrícola (em 1980, esse peso era da ordem dos 10%).
Tal não significa, porém, que a produção total de vinho tenha aumentado em volume – de facto, a produção, em termos reais, tem vindo, (desde 1980), a diminuir a uma taxa média anual da ordem dos 0,75% sendo certo que, em valor (a preços correntes) a produção cresceu mais de 7% ao ano (devido, em escala considerável, ao peso crescente dos VQPRD na produção total).
Note-se que, num período mais recente – especificamente, no triénio 2002-2004, a produção de vinho reduziu-se em valor (quase 4% em média anual) e em quantidade (um pouco menos de 2%).
- No período compreendido entre 2005-2009, a produção média de vinho situou-se em torno dos 7 milhões de hl. A campanha de 2008/2009 (produção inferior a 6 milhões de hl), pode considerar-se algo atípica devido a rigores climatéricos, problemas fitossanitários e, até, a imperativos de ciclos decenais.
- A região do Douro representa, por si só, cerca de ¼ da produção nacional, tendo assumido, nas últimas cinco campanhas, uma produção média anual da ordem dos 1.5 milhões de hl.
No “ranking” das regiões com maior produção, têm, ainda, lugar de relevo a Estremadura (17% da produção total) e o Alentejo e as Beiras, ambos com um valor individual de 14% da produção nacional.
- Em termos de “ganhos de quota” na produção, há que salientar, no período em apreço (2000/2009), o notável acréscimo de peso do Alentejo - que saltou de 8% para 14% de produção nacional - e, também, as “Terras do Sado” cujas vinhas passaram a representar 6% da produção no final do período em referência (contra 4% no início do mesmo).
- Na campanha de 2008/2009, os VQPRD representaram um pouco mais de metade da produção nacional (51%), dividindo-se a parte restante, quase equitativamente, entre vinho regional (23%) e vinho de mesa (25%).
Entre 2000 e 2009, os vinhos “aptos para certificação” (VQPRD e Vinho Regional) aumentaram em cinco pontos percentuais (de 69% para 74%) o seu peso na estrutura da produção, o

4.12 maiores exportadores (10⁶ hl)

(2009)
Itália (18,6)
Espanha (14,4)
França (12,5)
Austrália (7,7)
Chile (6,9)
USA (4,0)
África do Sul (4,0)
Alemanha (3,7)
Argentina (2,8)
Portugal (2,3)
Nova Zelândia (1,3)
Moldávia (1,0)

5. 12 maiores importadores (10⁶ hl)

(2009)
Alemanha (14,1)
UK (11,9)
USA (9,2)
França (5,9)
Rússia (4,5)
Holanda (3,3)
Canadá (3,3)
Bélgica (3,1)
Suécia (1,9)
Dinamarca (1,9)
Suiça (1,9)
Japão (1,8)

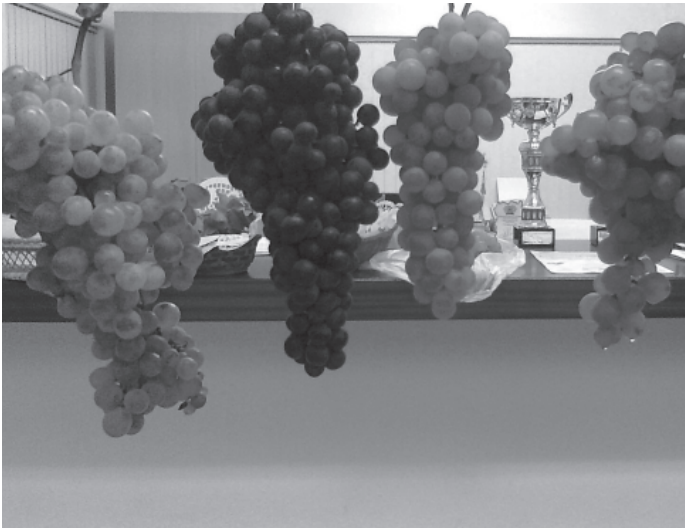
	A	P	C	E	I
Japão					X
Suiça					X
Dinamarca					X
Suécia					X
Bélgica					X
Espanha	X	X	X	X	
França	X	X	X	X	X
Itália	X	X	X	X	
China	X	X	X		
Estados Unidos	X	X	X	X	X
Austrália	X	X	X	X	
Argentina	X	X	X	X	
Chile	X	X		X	
Turquia	X				
Roménia	X				
Irão	X				
Portugal	X	X	X	X	
Canadá			X		X
África do Sul		X		X	
Alemanha		X	X	X	X
Rússia		X	X		X
UK			X		X
Nova Zelândia				X	
Moldávia				X	
Holanda					X

Áreas – A ; Produtores – P ; Consumidores – C ; Exportadores – E ; Importadores – I ;

- que constitui um (bom) resultado da política de reestruturação adoptada.
- É na região do Minho que o VQPRD atinge proporção mais notável – 97% da produção, em média, valor esse que, em Trás-os-Montes, desce rotundamente para cerca de 7% (aí assume relevância o “vinho de mesa” que, normalmente, representa cerca de 80% da produção).
O VQPRD assume, também no Douro, uma posição predominante - média de 90% - mas, nas Beiras, queda-se pelos 40%, percentagem idêntica à protagonizada pelos vinhos regionais.
No Ribatejo e na Estremadura, pontificam os vinhos de mesa (com uma média de 60%, em ambos os casos), assumindo o VQPRD pouca relevância na Estremadura (média de 6%) e, mesmo, no Ribatejo (apesar de, aqui, a percentagem ter duplicado entre 2000 e 2009, quedando-se, neste caso, em cerca de 13%).
As “Terras do Sado” têm preservado uma posição média dos VQPRD em torno dos 25% - metade da posição assumida pelos vinhos regionais -, sendo que o Algarve tem vindo a perder quota nos VQPRD (de 2000 para 2009 a quota reduziu-se de 56% para 20%!) mas tem aumentado, exponencialmente, o peso do vinho regional (de 5% para 54% entre 2000 e 2009).
O Alentejo, em 2009, distribuía a produção quase equitativamente entre vinho regional (52%) e VQPRD (38%).No período em análise, tal posição tem-se mantido relativamente constante, sendo certo que o vinho de mesa não tem qualquer expressão na região.
Mais de 40% da produção da campanha de 2008/2009 substanciou-se em VQPRD (2,9 milhões de hl).
O Douro foi a principal região produtora (1,2 milhões de hl), seguindo-se o Minho (mais de 700.000 hl), o Alentejo (quase 400.000 hl) e as Beiras (pouco mais de 300.000 hl).
No tipo “Vinho Regional” (1,3 milhões de hl), fortificaram o Alentejo (mais de 400.000 hl) e a Estremadura (aproximadamente 340.000 hl).
No tipo “Vinho de Mesa” (850.000 hl), a Estremadura e o Ribatejo, representaram, conjuntamente, mais de 60% do total.



Vindima na Quinta do Sanguinhal (Bombarral)



Tem havido uma evolução nas castas usadas nas vinhas portuguesas

- Na penúltima campanha com dados tratados (2008/2009), foram mais de três dezenas de milhares os produtores que declararam produzir vinho.
Todavia, o índice de concentração assume valores impressionantes: quase 2/3 dos produtores representam 2% da produção nacional enquanto 105 produtores (0,3% do total) representam quase 2/3 da mesma!
Note-se que, de 2000 para 2009, a denominada “produção não associada” ganhou quase dez pontos percentuais (p.p.) no peso da produção nacional, graças, nomeadamente, ao importante ganho de 24 p.p. na produção de vinho com IGP e ao ganho, significativo (9 p.p.), no vinho com DOP.
- No tocante à superfície vitícola, importa referir que mais de metade da mesma se distribui por Trás-os-Montes (29%) e Beiras (22%).
Trás-os-Montes foi, igualmente, a região que mais reestruturou a área de vinha (28% do total nacional), cinco p.p. acima do Alentejo (23% do total), região esta que logrou atingir, no cômputo regional, o maior peso de vinha reestruturada (quase 40%).
- Quanto à variável rendimento, há que mencionar que, nas 5 campanhas ocorridas no último quinquénio – 2004/2005 a 2008/2009 -, se registou um valor médio de cerca de 40 hl/ha..
O Ribatejo sintonizou-se com a média nacional e só as Terras do Sado (43 hl/ha), as Beiras (46 hl/ha) e a Estremadura (49 hl/ha) lograram superiorizar-se.
O Alentejo ficou-se nos 14hl/ha..
- Finalmente, no tocante à evolução dos preços, tomando uma série de valores entre 2000 e 2006, registou-se, em geral, uma tendência para a queda dos preços, mormente dos brancos, dos vinhos “regional” e “outro vinho de mesa”.
Nos vinhos de qualidade, a tendência, embora não generalizável, é, também, no sentido da descida, mais abrupta depois de, no triénio 2002-2004, se terem atingido valores relativamente elevados. São os vinhos generosos, o Porto e os vinhos do Ribatejo (branco e tinto) que melhor comportamento evidenciam no período em análise.



Uma vinha num cenário idílico no Canadá



Como se deduz pelo estudo inserido nesta edição, o Canadá não se apresenta como um país produtor de vinho, apesar de haver uma tradição entre algumas colónias de imigrantes europeus (muitos deles portugueses e oriundos da nossa região) da compra de uvas da Califórnia para as transformarem artesanalmente naquele precioso líquido.

Contudo, como é salientado no mesmo estudo, o hábito do consumo de vinho naquele país é elevado ou equivalente ao português, sabendo-se que a fiscalidade em relação às bebidas alcoólicas é muito mais elevada do que nos países do sul da Europa. Para mais, no Canadá a comercialização da maioria das bebidas alcoólicas é feita em lojas estatais, a quem cabem a distribuição por todo o país da maior parte da produção nacional e

da quase totalidade das bebidas alcoólicas importadas. (Provavelmente será por isso que é vulgar encontrar restaurantes que autorizam que os clientes tragam as bebidas alcoólicas de fora).

Por tudo o que foi dito antes, é surpreendente encontrar naquele país, e especialmente na província do Québec, produtores de vinho a partir de uvas plantadas nas regiões com um clima mais em conformidade. Inclusive, existe naquela província uma rota do vinho (<http://www.laroutedesvins.ca>), que reúne os principais produtores e que tem uma dinâmica que deixa muito de longe o que se faz na Europa.

O Québec tem cinco regiões vinícolas beneficiando de microclimas especiais, cada uma com a sua dinâmica produtiva e com as suas especificidades próprias, a que se junta uma política de promoção turística que liga esta actividade com a restauração, hotelaria, actividade cultural e de lazer, que impressionam qualquer europeu.

É fácil encontrar nas adegas, que se estendem pelo território, provas de vinho e de outros produtos locais, como enchidos, queijos, pão, etc., em verdadeiros ecomuseus da produção agrícola que



■ A sede da companhia de Domaine Les Brome

fazem inveja a qualquer um.

Estas fotografias mostram uma quinta num cantão do Este do Quebec, próximo da cidade de Courville, que se chama Domaine Les Brome, cuja vinha fica num cenário idílico junto a um lago. Naquele espaço organizam-se visitas guiadas à vinha e ao processo de fabrico, provas e exposições sobre a arte da degustação. A quinta tem uma loja com produtos locais e este ano até havia uma exposição de pintura na própria vinha.

Tratam-se de expressivas pinturas de Gilles Carle, um conhecido cineasta e artista canadiano, que faleceu em 2009, com 81 anos. No âmbito de várias exposições da sua obra por toda a região do Québec, realizou-se esta mostra das suas pinturas numa vinha próxima da casa onde viveu.

A qualidade daqueles vinhos não é surpreendente em termos gustativos se compararmos com a maioria dos vinhos de qualidade superior das melhores re-

giões do mundo, para o preço que é vendido (entre 16 e 40 dólares por garrafa, respectivamente 13 e 36 euros). Contudo, para os canadianos, adquirir um produto local e no local é também um argumento muito importante.

Uma prova de degustação completa pode custar cerca de 10 dólares canadianos por pessoa, mas a simples prova de um ou dois dos vinhos correntes que produzem é gratuita. Na cave referida produzem-se brancos,

tintos e rosés, bem como vinhos de gelo (ice wine), uma espécie de vinho produzido a partir de uvas vindimadas congeladas pela neve. Este vinho, cuja produção é originária da Europa Central (Alemanha e Áustria) tem uma forte composição de açúcar, sendo consumido geralmente como aperitivo ou digestivo. Presentemente o Canadá é o principal produtor mundial do ice wine.

JLAS



■ A vinha com as pinturas de Gilles Carle



■ Exposição de produtos para venda aos visitantes



■ Uma das obras de Gilles Carle em destaque